

A TRADUÇÃO DO POEMA DE JOHN HENRY MACKAY EM “ANARCHISM AND OTHER ESSAYS”, DE EMMA GOLDMAN

LÚCIA MACIEL¹; DANIEL SOARES DUARTE²

¹Universidade Federal de Pelotas – luciateacher@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danisoaresduarte@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a tradução de um poema acerca do anarquismo, da autoria de John Henry MaCkay, presente como epígrafe no ensaio “Anarchism: what it really stands for”, de Emma Goldman (1910). O ensaio compõe a obra *Anarchism and other essays*, de Goldman, que está em fase final de edição e revisão. Aqui apresentamos o poema por ele ter passado por um processo de tradução diferente do restante do texto: enquanto este foi pré-traduzido por máquina e pós-editado, para se chegar a uma tradução “humana”, o poema foi traduzido diretamente, sem passar por LLM (Modelos de Linguagem de Larga Escala), tradução de máquina estatística ou IA (Inteligência Artificial). Nossa intenção é mostrar as estratégias de tradução para o poema, levando em consideração a artesania necessária para o que Haroldo de Campos (2006) chama de recriação (e que mais tarde chamará de transcrição). Consideramos os isomorfismos em nível semântico, mas também formais para passar as quadras do texto fonte, visando a manutenção do conteúdo, em um texto digno de louvor e com tom heroico, que visa a simplicidade condizente com o projeto tradutório do texto de Goldman, simples e poderoso, com uma retórica e uma gama de temas que dialogam de forma intensa com a contemporaneidade.

2. METODOLOGIA

Aqui, descrevemos os passos da tradução do poema. Na primeira etapa, o texto fonte *Anarchism and other essays* (Goldman, 1910) foi dividido em capítulos para serem atribuídos a diferentes tradutores. Os ensaios que formam o livro foram divididos tendo em vista tanto a individualidade dos textos quanto a contagem em palavras: alguns ensaios foram atribuídos a mais de um tradutor, já que tinham por volta de oito mil palavras, dobro da média dos ensaios. Aqui coloca-se a diferença da estratégia de tradução do poema frente ao restante dos textos: enquanto estes foram pré-traduzidos, e a partir daí pós-editados, descartou-se a pré-tradução (que a máquina chegou a fazer) para se traduzir o poema “do zero”. Nossa intenção inicial não foi usar em português uma métrica igual ou mesmo equivalente à do texto fonte, mas a continuação dos trabalhos levou ao apreço pelo desafio de traduzir versos iâmbicos em decassílabos. Assim, há dois estágios de tradução, que ora apresentamos, passando da primeira versão da quadra inicial (em métricas variáveis) para uma segunda versão, em decassílabos) “Anarchism” é composto, em maioria, por pentâmetros iâmbicos, isto é, versos de cinco pés, cada um deles composto por uma sílaba breve seguida de uma sílaba longa. Dizemos que essa é a composição da maioria dos versos porque o “molde” destes é mais um horizonte a ser atingido do que uma

realidade sempre cumprida (TSUR, 1998). Em português, a primeira versão da tradução (v1) tem versos com métrica um pouco mais livre (CAMPOS, 1978), enquanto a segunda (v2) usa o decassílabo como metro.

No quadro a seguir, apresentamos o texto fonte (à esquerda) e o texto alvo (à direita) com a versão 1 e a versão 2, referentes à primeira quadra do poema:

Texto fonte	Texto alvo
Ever reviled, accursed, ne'er understood,	v1: Sempre insultado, amaldiçoado, nunca compreendido, v2: <i>Insulto, maldição, incompREENsão:</i>
Thou art the grisly terror of our age.	v1: Tu és o terror horrendo da nossa era v2: <i>És o puro horror da nossa era.</i>
"Wreck of all order," cry the multitude,	v1: "Destruição de toda a ordem", grita a multidão. v2: <i>"Ruína da ordem", grita a multidão.</i>
"Art thou, and war and murder's endless rage."	v1: "És tu, e a fúria sem fim da guerra e da fera". v2: <i>"És tu, fúria sem fim de guerra e fera".</i>

Nota-se na versão 1 (v1) do texto alvo a manutenção parcial dos esquemas da rima: enquanto o esquema rítmico é *abab* no texto fonte (*understood – age – multitude – rage*), a versão 1 da tradução usa o esquema *abcb* no texto alvo (*compreendido – era – multidão – fera*). A versão 2 (v2), por sua vez, mantém o esquema *abab* (*incompreensão – era – multidão – fera*). Do ponto de vista do tipo, são rimas morfológicamente pobres, mas que mantêm isomorfismo com a classificação morfológica das rimas do texto fonte, com apenas um adjetivo de diferença (*understood* [*compreendido*]).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

- Conversa com as mentalidades atuais - anarquismo em um campo de disputas retóricas burguesas x comunistas, pensadas de maneiras excludentes.
- Trabalho com tradução de poesia, cada vez mais ausente na academia brasileira, apesar da importância e da relevância de sua investigação. É preciso, em época que tendemos a esquecer para que serve a arte e a poesia, lembrar do que esta faz:

O poeta sente mais do que pode realmente exprimir. Tem que limitar-se aos elementos da língua. Além disso, vê-se preso às solicitações do vocabulário e dos temas de sua época e deseja imprimir neles a sua marca pessoal e autêntica. E nessa ânsia de originalidade, o poeta se atira contra as fronteiras do idioma, ampliando-as e tornando maleáveis

as estruturas que as convenções gramaticais haviam “fixado” num “plano ideal”, mas estático. (Teles, 1976, p. 171)

- Compreensão das estratégias adequadas para cada tipo de texto: enquanto os textos em prosa, ensaísticos, podem passar por uma etapa de pré-tradução, o mesmo não pode se dar com um texto poético, metrificado, pleno de rimas e de sonoridade. Este deve ser tratado com as estratégias tradutórias adequadas, que apenas a competência de um tradutor pode oferecer.

4. CONSIDERAÇÕES

Chegamos então ao contributo mais nobre que uma arte da linguagem pode dar, que são expandir as fronteiras de nossa expressão e usar os dispositivos da língua para criar as “metáforas vivas” de que fala Paul Ricoeur (2013): pensar (mas também vivenciar, no ritmo poético do verso traduzido) o que é central para nossa experiência humana, cantar nossos ideais, ainda que anarquistas, ainda que impossíveis.

5. REFERÊNCIAS

- CAMPOS. Geir. **Pequeno dicionário de arte poética**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- GOLDMAN, Emma. **Anarchism and other essays**. Nova York: Mother Earth Publishing Association, 1910. Disponível em <https://gutenberg.org/ebooks/2162>. Acesso em: 24 de julho de 2024.
- CAMPOS, Haroldo. **Haroldo de Campos: transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Drummond, a estilística da repetição**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- TSUR, Reuven. **Poetic Rhythm: Structure and Performance—An Empirical Study in Cognitive Poetics**. Berne: Peter Lang, 1998.